

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO

SOBRE A ELABORAÇÃO PSICANALÍTICA

Dr. Mario Yahn

São Paulo, agosto de 1975.

SOBRE A ELABORAÇÃO PSICANALÍTICA

Dr. Mario Yahn

"O verdadeiro saber é o de reconhecer a verdade ainda que esta seja filha de outros olhos e de outro entendimento e não se cegar como se cegou Lúcifer".

Padre Antonio Vieira

A Elaboração pode ser resumida assim:

"Esconde-se em silêncio quase sempre,
Que preciso voltar os ouvidos
P'ra longe, p'ra mais perto;
E o olhar também,
Sem nada ouvir
Sem nada ver.
Recolho-me desolado
P'ra dentro de mim mesmo e só aí
Encontro a presença
Que de tão perto nem podia ser notada".

Do autor - 1975

Em algum lugar, que não me lembro, li:
"Imperfeito é o nosso conhecimento e
também as profecias.
Mas quando vier o que é perfeito,
o que é imperfeito desaparecerá".

Introdução

Se houve um tema que efetivamente nos absorveu e que ainda nos deixou insatisfeitos depois de todas as meditações, reflexões e revisões bibliográficas, foi esse: o da Elaboração Psíquica. Ele é tão importante para o homem, e ao mesmo tempo, sua razão de ser tão misteriosa como a própria vida. Além disso, a elaboração não existe como um acontecimento nitidamente isolado e definido, que se preste à análise mais pura e detida. Não está sempre conscientemente presente, mas se faz presente em determinadas situações que não são vulgares. A elaboração completa ocorre o "insight", cujo surgimento empolga, porque traz o esclarecimento almejado (percepção interior) que a substitui. Não oferece uma presença suficientemente contínua para que possa ser melhor acompanhada no seu processo. São muitas as circunstâncias em que se manifesta, mas, em si, é efêmera e esquiva, deixando como rastro da sua passagem, o esclarecimento, uma iluminação que, daí por diante, a substitui em virtude dos resultados práticos que se sucedem.

Não é possível defini-la e ela tem algo de intimidade pessoal e de desconhecido como todos os mistérios que podemos deparar na própria vida, também indefinível, quer pelo fato de ser vida e mais ainda, muito mais, por ser humana. A oportunidade do tema no campo da psicanálise é a mais legítima possível, porque, na verdade, psicanálise sem sucessivas elaborações não poderia existir, embora possam existir e existem, com frequência, elaborações fora da psicanálise. Apenas a elaboração que interessa à psicanálise é a

(*) Trabalho apresentado à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 17.09.75.

(**) Apresentado ao V Congresso Brasileiro de Psicanálise (Porto Alegre de 22 a 25 de outubro de 1975).

(***) Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

elaboração interna, isto é, a elaboração que se processa no microcosmo, no mundo íntimo e resultante do confronto das suas partes: a interna e a externa. Algumas vezes e em outra oportunidade veremos que estas partes podem se reduzir a duas principais: macro e micropsicologia. Além disso, o fenômeno da elaboração não vem isolado mas se acompanha e surge junto com outros acontecimentos concomitantes, tais como o crescimento emocional e intelectual, a inteligência propriamente dita, a imaginação e a criatividade. Solidarizam-se como irmãs gêmeas, mas cada qual tem caracteres próprios. Pareceu-nos conveniente dizer algumas palavras sobre estes fatores concomitantes e correlatos para, assim, tentar destacar o fenômeno da elaboração com mais clareza.

Como ponto de partida convém destacar que a elaboração é percebida como um acontecimento psíquico interno, "sui generis", que leva a uma espécie de descoberta na intimidade da vida psíquica, através da sensação de lucidez ou esclarecimento até então desejados mas não conseguidos. Os pacientes comumente denominam este estado de "clic" e não fica jamais oculta a sensação de que algo se ligou internamente, contribuindo para aumento de lucidez ou esclarecimentos necessários. Toda essa descrição não define a elaboração. Serão o desenvolvimento geral e emocional, a inteligência e a criatividade fatores indispensáveis para que ocorra a elaboração?

Desenvolvimento

O desenvolvimento é um fenômeno universal e humano inevitável. Desenvolvimento não é somente crescimento ou modificação evolutiva, é também aprendizado.

Convém repensar por um momento, e em conjunto, as funções que o desenvolvimento espontâneo, o aprendizado, a inteligência e a criatividade possam exercer sobre a elaboração e a visão interior. Embora frequentemente se confundam ou tenham áreas que se superpõem, são essencialmente diferentes como a elaboração também é algo diferente de todas essas funções e o principal da sua essência é conseguir promover a união do material que lhe é proporcionado ainda que da mais variada e heterogênea procedência.

Vejamos o desenvolvimento: Há mesmo uma grande dificuldade em saber se o que aprendemos é, na verdade, produto do aprendizado ou da evolução fatal a que estamos sujeitos. Para uma criança não é fácil saber que dois mais dois é igual a quatro. Ela aprende decorando e, depois, entendendo. Mas se lhe não ensinarem, saberá isso mais tarde sem que lhe ensinem. Muitos dos nossos conhecimentos, talvez a maioria, poderiam ser aprendidos assim. O ensino apressa o conhecimento e lhe dá o colorido técnico e requintado que só a experiência acumulada no decurso das gerações poderá transmitir. Não vamos comentar o aprendizado que seria motivo de extensas reflexões. Passaremos ao setor da inteligência e criatividade, frequentemente confundidos. Leonardo da Vinci era ao mesmo tempo muito inteligente e muito criativo: um gênio múltiplo. Michelangelo, um prodígio da criatividade, não se confunde em inteligência com o seu compatriota.

A diferença entre esses dois exemplos ainda não é clara para distinguir inteligência de criatividade. Muitos acreditam que esta é simplesmente um aspecto daquela. É verdade que a criatividade acentuada requer um certo nível de inteligência. Mas, sobretudo, no campo da arte, conhece-se criadores de talento mas pouco inteligentes. Se usarmos o teste de QI, a diferença é facilmente apreciável. Com frequência, a inteligência usa conhecimentos previamente estocados e a experiência adquirida, mas dispõe menos de originalidade ou capacidade inventiva, sobretudo, a originalidade que reside nas novas formas ou maneiras de apresentar o trabalho psíquico é prerrogativa da criatividade. As pessoas criativas costumam ser mais individualistas e menos convencionais; mais autocentrados, de humor variável e "particularmente firmes na manutenção da sua independência de julgamento, nas situações nas quais discordam do meio" (9). Como consequência, pessoas criativas estão mais em contato consigo mesmo, havendo nelas "uma pronta aceitação dos aspectos inconscientes de si mesma, que igualmente participam da turbulência e instabilidade. Possivelmente estas origens inconscientes são a fonte do impulso criativo e não a lógica e a racionalidade" (9). A citação desse trecho é propositada, pois inintencionalmente nos introduz num dos aspectos deste trabalho que é a conveniência de distinguir uma micropsicologia de uma macropsicologia, como procuraremos descrever em outros trabalhos (16). Por ora, diremos que a micropsicologia está mais próxima do inconsciente e do mundo dos afetos, enquanto que a macropsicologia se acerca mais da realidade conscientemente vivida e do

mundo da inteligência. Se a elaboração é esse preparo prêvio que aos poucos se vai organizando como uma necessidade de síntese da vida psíquica, ela representa o eterno apelo à unidade em face de participações heterogêneas independentes e, sobretudo, livres. Em trabalho anterior procuramos descrever uma área livre e sede de liberdade no ego, ao lado das outras funções: a operacional e a de continuidade (15). O ego, comprometido com o inconsciente irracional, específico e original em cada indivíduo, tem também a atribuição de se expressar e de adaptar às maneiras convencionais do mundo externo. Na sua origem nada tem de humano, até que o homem não o humaniza. A natureza é anti-humana e o humano é levado, sutilmente, a atacar a natureza. A elaboração é estimulada por esse mundo de conflitos. Tais conflitos que são externos, provocam os internos, mas não são para nós tão importantes como os internos, nos quais entram as informações externas e a contribuição de múltiplos componentes da vida psíquica, como acabamos de citar. Como a inteligência é vizinha da criatividade, e esta da emotividade, a elaboração enlaça-as como uma espécie de talento criador, conduzindo tudo a um objetivo mais nitidamente designado.

Phyllis GREENACRE, em seu livro "Estudios Psicoanalíticos sobre la actividad Creadora" (6) pergunta quais são as características básicas do talento criador e procura resumí-las em quatro:

- 1- grande sensibilidade aos estímulos sensoriais;
- 2- uma capacidade excepcional para perceber as relações existentes entre vários estímulos;
- 3- predisposição a uma empatia de maior alcance e de vibrações mais profundas que o normal;
- 4- integridade de uma equipe sensorial-motora que seja suficiente para permitir a estruturação das descargas motoras projetivas que entram em jogo para as funções expressivas.

Continua, a seguir: "Na capacidade excepcional para a percepção das relações existentes entre os vários estímulos, é indispensável a presença de uma sensibilidade capaz de notar as semelhanças e as diferenças mais sutis e a reação à forma e ao ritmo deve apresentar-se antes e com maior força que na maioria dos casos; desta maneira, agudiza-se a percepção das organizações atuais ou potenciais e possivelmente um maior sentido de totalidade. Tudo isso, que se descreve em grau extremado, passa-se modestamente entre as pessoas normais e configura o que habitualmente se chama elaboração. É, assim, a elaboração uma espécie de algo mágico que liga com maior ou menor sucesso a multiplicidade de acontecimentos da vida psíquica interna e os relaciona com os acontecimentos ou

as solicitações da vida exterior. No indivíduo super dotado o contingente interno abstrato é enorme, mas não exclusivo. No indivíduo comum, a influência externa da cultura ou da moda dominante acaba por prevalecer e em tais casos o fenômeno elaborativo se faz sob o estímulo de finalidades emuladoras ou detratoras.

Influenciação: é de todo interesse, para podermos nos prevenir o mais possível contra a sugestão dos modismos e das identificações, falarmos sobre a elaboração por influenciação, pois as razões, sobretudo de origem externa, que promovem a elaboração, são altamente influenciadoras e quase sempre já lhe marcam o destino. Não se trata mais de uma elaboração "tout court", mas de uma elaboração influenciada, aparentemente neutra, mas na verdade de encomenda, com destino certo, preconcebido.

A maneira como FREUD define a elaboração, embora original, está comprometida pela influência mecanicista da sua época (influência de forças e mecanismos). Teoricamente, a elaboração deveria ser neutra, mas como isso é quase impossível deveríamos encontrar nela, para que seja respeitável, o máximo de influenciação pessoal. Além de neutra, seria um fenômeno humano espontâneo, mais do que isso, uma humana necessidade. Resulta do poder sintético associativo e organizador do Ego. Ela é o "feed-back" do Ego. Este se auto-alimenta graças à elaboração. Mas a restrição e pureza solitárias quase não existem. Não se discute que o homem é um animal gregário. Conceber um homem totalmente e sempre isolado é uma abstração. Não existe na realidade. PASCAL já havia assinalado o fato num dos seus pensamentos: "O homem nunca está sô, sempre tem alguém dentro dele" (11). Esse alguém é, sem dúvida, uma influência, que se liga à própria influência da nossa origem primeira, que teve início em outro homem. No momento presente, temos que contar com a influência subjetiva e objetiva contemporânea e não biológica ou histórica. Assim, será a elaboração uma consequência do confronto de fatos e funções psíquicas, mobilizadas fundamentalmente por fatores culturais. Não é sem razão que a psicanálise, cuja razão básica reside na promoção de elaborações, que fomentam a possibilidade de visões interiores, tenha surgido na época contemporânea, num momento e num local - o centro da Europa - o mais populoso e o mais culto do mundo. Não é estranho que toda a obra freudiana no campo da psicologia, reflète o mecanismo dominante na época, evoluindo, daí por diante, para um destino mais psicológico e filosófico. Partindo da análise dos sintomas, deslocou-se, lenta e imperceptivelmente, para a análise do caráter, dos sintomas

psicológicos e da própria vida. Diz Leo RANGEL que "a relação entre a análise do Homem dos Ratos ou a do Homem dos Lobos e uma psicanálise de hoje, é como a relação existente entre a primeira lâmpada elétrica e Times Square ou Picadilly - ou a do primeiro gramofone de Edison com um moderno estúdio de som" (13).

Há, pois, elaborações que não são específicas ou pessoais, mas se fazem sobre um material, ou melhor, uma construção ou concepção alienígena e não autóctona. Temos visto o prestígio de temporadas ou modismos em que um tipo de pensamento é predominante. No começo, foi o Freudiano, depois o Kleiniano e modernamente domina, entre nós, o Bioniano, contra vontade do próprio Bion. A maioria das elaborações se fazem sob o primado das sugestões ou criações desses autores. Os analistas "de linha" quando interpretam, o fazem segundo elaborações próprias, mas entra na regência de tais elaborações aquele pensamento que maior preferência teve sobre a sua formação, sobre o seu gosto, ou a sua preferência. A leitura dos sintomas ou fatos no paciente e exclusivamente nele, é muito difícil. A sedução de o fazer mediante o uso de um código que não é o do paciente, mas o do autor preferido, é a regra. Então o paciente é interpretado, mas sofrendo uma leitura À FREUD, À KLEIN ou À BION. Há certos trabalhos de psicanálise que usam o paciente, não para falar dele e dos seus problemas, mas bem, dos autores cujos códigos são a base nas interpretações. Não poderia ser diferente: aprender o código ou alfabeto psíquico de cada paciente para usá-lo depois na sua interpretação, seria obra de pessoas superiormente dotadas e quase desumanizadas. O humano contribui e muito, talvez mais que a própria psicanálise, para a elaboração psicanalítica; o mais que se poderia desejar seria que o analista, quando em sessão de análise, pudesse esquecer toda a análise aprendida e se sentisse diante do paciente tão desarmado como ele. A análise clínica que somente seria bem feita quando o analista está colado ao material do paciente, sem amortecedores ou intermediários, quer procedam eles do paciente mesmo ou da formação e do caráter do analista, é muito difícil, ideal e às vezes contundente. Todavia, não podemos desejar mais: por caminhos tortuosos, já conseguimos muito, pois a isenção em questões emocionais ainda é a excessão, sendo o partidarismo, o sectarismo ou o personalismo a regra ainda quando se trate de analistas, embora, neste caso, em menor grau. Da parte do paciente, também sua formação, prerrogativas e mais fatores de personalidade influem na análise distorcendo as elaborações.

Da parte dos analistas, quando ainda estão sob a influência de mestres e autores, fazem elaborações - pois seria impossível não o fazer, nas quais domina o prestígio das influências recebidas. Seriam estas elaborações supletivas, que na falta das efetivas desempenhariam o papel de efetivas. Só o tempo, a experiência e a reflexão poderão desfazer o engano, acontecimento heróico, quase milagroso para se subtrair as influências exógenas e endógenas, pelo menos na sessão de análise. Assim, surgiriam as elaborações efetivas, que promoveriam o ideal contato do analista com o paciente, sem intermediações de qualquer espécie. As idéias, os pensamentos ou as recordações devem surgir exclusivamente na hora de análise e por inspiração do próprio material clínico do paciente. Isso não é tarefa fácil e mais difícil ainda nos parece quando recordamos que o próprio paciente é pródigo em trazer para a análise uma multidão de fatos e acontecimentos, juízos racionais (macropsicologia) que mais acoberta do que revela seus próprios sentimentos (micropsicologia). Elabora predominantemente sobre aqueles. Cabe ao analista conduzi-los para estes, o que só se consegue lentamente.

Enfim, a Elaboração é a essência da vida psíquica. Arte, literatura, economia, técnica sutil e todas as atividades humanas não se fazem sem ela. A riqueza psíquica mais verdadeira é a elaboração. Pode ser espontânea e provocada. Espontânea e de grau marcado surge nos gênios. No indivíduo comum é reduzida e a atividade psíquica é mais copista, embora haja nisso também elaboração, mas é pobre e de pouca originalidade. A verdadeira elaboração, aquela que promove a movimentação da vida psíquica e dá sentido à condição humana, é "sui generis", é diferente de criatividade, de imaginação e da inteligência. Estas três qualidades psíquicas, se não forem animadas de um poderoso "feed-back" não se exaltam nem se potencializam. O trabalho psíquico é feito pela elaboração motivada e com destino. Da elaboração espontânea procuraremos recordar algo do que ocorreu no Renascimento. O Renascimento pode ser definido como uma apoteose de elaborações chamadas espontâneas e foi também um período em que, particularmente, brotou um acervo de gênios que se animavam mutuamente, provocando e entretendo elaborações. Os artistas desse período não viveram isolados, mas se procuravam e se motivavam. Eram tão motivados pelas elaborações, que procuravam nos seus parceiros de gênio o que não podiam captar em si mesmos. Michelangelo, um prodígio de estética e de criações extraordinárias, voltou-se para a anatomia e as grandes obras da antiguidade, não

para se inspirar, mas coagido pela criatividade. O papel da criatividade era tal que o seu material psíquico disponível não era suficiente para abastecê-la. Leonardo da Vinci, muito melhor abastecido, não conseguiu elaborar todos os seus múltiplos e variados conteúdos psíquicos. Começou tantas e tão diferentes obras que um grande número delas ficava inacabado, porque era fustigado por novas elaborações que não conseguia controlar. Largava o começado e seu gênio multiforme perambulava, ávido de outras expressões geniais.

É evidente a movimentação psíquica que não se contém no pensamento, mas produz a atuação em obras e criações objetivas, desobedece às regras e costumes e se manifesta com liberdade, arrojo e originalidade. Não é sem explicação que os gregos viam nos gênios as garras do demônio interior. Daimon, onos, (3) em grego, não é o demônio católico, como o inferno grego não é o inferno católico. Daimon em grego é espírito, divindade, é a força interior que não deixa o indivíduo parar, que o põe acima dos seus irmãos homens, impele-o sempre e pode levá-lo além das suas forças físicas e organização metodológica do trabalho. Recordemos Leonardo, que nem sempre podia acabar suas obras porque já era impelido para outra. Toda a sociedade, em qualquer época, se deixou influir por tais personalidades, essencialmente ricas e elaborativas e a elaboração se alimenta em tudo: na cultura, na inteligência, na sensibilidade, na fantasia, na imaginação, qualidades psíquicas distintas umas das outras, mas também nos estímulos do mundo externo. Note-se que não dizemos funções psíquicas porque o termo funções, para a vida psíquica nos leva a colocá-la muito próximo do mecanicismo evidente no século passado, tão sedutor que se intrometeu pela psicanálise a dentro, dando-lhe um nítido cunho materialista. É o externo invadindo o interno, é a macropsicologia invadindo a micropsicologia como procuraremos mostrar em outra oportunidade.

Estamos procurando destacar a elaboração como uma aptidão psíquica tão autônoma ou legítima como é a atenção, a associação de idéias, a memória, o juízo, o raciocínio ou o julgamento. Toda a psicologia clássica descreveu essas atividades ou qualidades psíquicas, mas não destacou a elaboração, de que agora cuidamos. A psicanálise, desde os primeiros momentos precisou dela, mas não a destacou como aptidão "demoníaca", apenas reconheceu sua função e se utilizou dela largamente.

No mesmo dicionário de Silveira Bueno o verbete Elaborar tem significado de preparar, arranjar, arrumar. Vem do latim elaborare, labor, laboris, trabalho, obra. No dicionário Aulete os sig-

nificados são os mesmos, apenas acrescenta-se, que elaborar é arranjar, preparar, arrumar, a partir de alguma coisa ou para alguma coisa. No dicionário de Psicanálise de J. Laplanche e Pontalis (JB) (8) não se define o termo, mas no resumo como a Psicanálise o compreende, o verbete é o seguinte: "Elaboração psíquica. A) Termo utilizado por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com vistas a dominar as excitações que chegam e cuja acumulação oferece o perigo de resultar patógena. Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e estabelecer entre elas conexões associativas". Continua o verbete, dizendo que a expressão trabalho elaborativo equivale a "Durcharbeiten" e "Working through".

Raycroft (14) propõe uma explicação mais de acordo com a prática clínica. Originalmente, Elaboração é o processo pelo qual um paciente em análise, pouco a pouco descobre, no decorrer de um amplo período de tempo, as implicações totais de alguma interpretação ou compreensão interna ("insight"). Daí, por extensão, o processo de acostumar-se a uma situação nova ou de superar uma perda ou experiência penosa. Nesse sentido ampliado, o luto constitui exemplo de elaboração, pois envolve o reconhecimento gradativo de que o objeto perdido não mais se encontra presente numa infinidade de contextos, onde era anteriormente familiar.

O grifo é nosso para destacar o mecanicismo que há no conceito freudiano. Elaboração ao nosso ver pode ser tudo isso, mas merece forum de cidade dentro do país psíquico. Deve ser destacada compreendida e ter seu desempenho devidamente reconhecido, pois ela é, na verdade não sozinha, mas com uma ou mais aptidões psíquicas, que gera a arte, ciência, a literatura, a matemática, a cultura e a própria psicanálise. Nada de importante há na vida psíquica sem a elaboração e a psicanálise não existiria sem ela. Para resumir: como classificar Freud? É simples: um gênio elaborativo para as coisas do psíquico, não da arte ou da ciência. Que as várias aptidões (funções) psíquicas eram já reconhecidas como necessárias, antes do Renascimento e em todo o seu curso, para a produção das obras que ficaram da sua passagem, é coisa conhecida. Mas não é destacado que se recorria a uma elaboração prodigiosa para produzir obras de gênio, as obras de grande mérito. Apenas a elaboração não é reconhecida em toda a sua extensão. Vejamos o que diz Garret Mattingly (10) no tratado "Il Renascimento". Falando dos renascentistas diz: A tutti era comune la capacità di dedizioni e la cosa polezza di sè. Ma nell' operosa schiera di artisti, pittori,

scultori, orafi, decoratori, gioiellieri, ognuno si diferenciava per le sue dotti e per la variet  del temperamento: c'erano nomini con la profunda curiosit  de Leonardo, lo slancio imaginativo de Michelangelo, l'acutezza intelletuale di Piero della Francesca, la sensibilit  squisita di Giorgione, la perfezione tecnica di Raffaello.

Os séculos XVIII e XIX e o atual, ao nosso ver   um neore-nascimento. Não precisamos recordar o que foi feito ou descoberto em política, arte, técnica, psicologia, economia.   também um momento em que gênios superabundam e, como dissemos, já no centro mais populoso e mais culto do mundo, a Europa central. Freud pertence a essa época e a essa gera o predestinada. Olhando pelo prisma da elabora o o seu gênio só podia ser dessa época. No sentido humano, a obra de Freud apresenta-o como um literato. Sob o ponto científico isso não   verdade. Por que essas disposi es tão vizinhos? Desde quando nos iniciamos na Psiquiatria tradicional não foi difícil de perceber a necessidade de pelo menos um fragmento de veia literária para poder se aprofundar na especialidade. Em psicanálise isso se torna mais evidente. Em psicanálise os dotes elaborativos são mais necessários e a comunica o requer um recurso verbal mais rico. Assim, amparado por aptidão literária, curiosidade científica, inteligência acima do normal e talento elaborativo para assuntos da psicologia, foi além dos limites por esta até então atingidos. Diz Buehler, citado por Lopes Ibor(7), que "Freud foi um Stoffdenker, quer dizer, um incitador, um suscitador de temas, um descobridor de horizontes, um criador de muito humanas preocupa es." "A prova   a imensa literatura que em seu arredor se criou". Acrescentaríamos: graças ao seu gênio elaborativo no campo da psicologia. Mas na época o meio estava embuido da pesquisa da natureza e da mútua a o dos objetos e suas consequências surpreendentes, num evidente mecanicismo. Deve ter sido, sem o saber, contaminado por isso e descobriu a Psicanálise. Não porque o quizesse, mas porque o seu tipo elaborativo dominante era a psicologia. A psicanálise existe e perdurará porque sua alma   a elabora o. Teorias resultam da elabora o de acontecimentos psíquicos. Outras teorias virão a seguir, porque o homem se realiza e vive a vida mental através de elabora es espontâneas ou provocadas. A psicanálise, sem o pretender, mergulhou na elabora o psíquica, enriquecendo a psicologia em extensões imprevisíveis. Os seus resultados práticos não são, nem seriam - os mais importantes se não promovesse "insights" que servem de estímulo a novas elabora es em outros níveis ou setores da vida psíquica, criando esse evidente dinamismo interno que lhe  

próprio o que não se consegue de outra forma. Sempre "elaborar para", isso é a essência da psicanálise. Quando a elaboração alcança e estaciona em um resultado, num sistema ou pensamento fechado, acabou a psicanálise. Ela é um dom necessário, inato que faz o verdadeiro analista e a essência desse dom é a elaboração, e não o bom comportamento ou obediência às regras.

Quando a elaboração não é mais possível surge esse subproduto, a atuação ou o "acting out", olhado com tanta desconfiança por quase todos os psicanalistas. Freud viu tudo isso. Mas não basta ter chegado até aí. É preciso elaborar e elaborar sempre sem o que não há mais criação, investigação, progresso e conhecimento psíquico, mas estagnação, destino incompatível com a psicanálise no seu verdadeiro sentido. O único meio de levá-la ao seu último destino é saber ler o doente, e ler no doente, deixar que ele tenha memória, desejo e conhecimento, com elaborações defeituosas. Cabe a nós, analistas, elaborar certo, "em curto circuito", "polo a polo", "contato a contato", sem o intermediário dos nossos desejos, nossas memórias e nossos conhecimentos. Pensamos que é isso o que Bion quer dizer quando sugere que numa análise não deve haver a interferência desses fatores. Só que ele não acrescenta claramente porque. É que para que a análise se faça de verdadeiras elaborações, deve processar-se com o material do paciente, sem qualquer enxerto. Achamos que essa é uma verdade ideal. Na prática, só em parte conseguimos observá-la. Muitas vezes, conforme o caso, uma elucidação paralela ou a expressão de um analista experimentado e sabiamente apresentada ilustra aspectos do conhecimento do paciente sobre como é o mundo em que vivemos e isto auxilia-o a conseguir um "insight" que a simples interpretação não consegue. Se não valorizamos este detalhe, se não colocarmos em primeiro plano, a elaboração provocada, tarefa principal da psicanálise, o caso não se esclarece. Reconhecemos que a transferência tem tido o primado para conseguir esse objetivo. Mas, agora, acrescentamos, ela não tem o "poder mágico" de provocar o "insight". O que faz é exercer sua elevada aptidão para promover o "insight". Mas o conhecimento, o exemplo da própria elaboração e do "insight" do analista favorecem e promovem também a tão desejada elaboração, base mais importante no campo operacional da psicanálise, fato que também exerce transferências e interpretações - mas agora, cremos nós, não exclusivamente, nem diretamente, mas simplesmente porque lhes provocam elaborações. Poderíamos dar exemplos nesse sentido mas seria extendermo-nos demais. Já escrevemos um trabalho "como fazer uma psicoterapia psicanalítica de fora para dentro". (16) Em outra oportunidade voltaremos ao

tema. Esse fato também explica inquêritos, já feitos, onde se observou que a ação terapêutica da psicanálise, quer em qualidade ou em quantidade, não difere de outros tipos de psicoterapia não analítica.

Se nos restringirmos a sua importância terapêutica apenas à transferência e às interpretações, o fato é inexplicável e quase chocante. Se soubermos que todos os meios que provoquem a elaboração conseguem "insight", compreensão, elucidação e segurança, nada mais há de inexplicável ou chocante naquilo que as estatísticas revelam.

Há um outro fato relacionado com o tema, mas de natureza diferente. A psicanálise tem suas raízes no mundo das emoções e da sensibilidade (micropsicologia) mas esse mundo não dispõe de linguagem própria; mas toma-a e se serve da linguagem fornecida pela inteligência (macropsicologia). E este instrumental operacional ou de comunicação é muito insatisfatório e pobre para transmitir o que se passa na micropsicologia. É a elaboração que faz o resto. Se usamos a palavra "amo" falamos numa generalidade, mas se falamos "amo a rosa" esse amor é mais definido. É em suma, o objeto que ajuda a compreender o sujeito. É a elaboração que supre a ausência de uma linguagem específica para as emoções. A esquematização das idéias ou dos pensamentos (teorias, conceitos) escraviza, porque as idéias e teorias são limitadas, Se passarmos para a palavra aquilo que vai no sentimento, a limitação é maior ainda (12). Quanto mais nos utilizamos de conceitos, teorias, exemplos e exposição verbal, mais nos distanciamos da possibilidade de captação dos sentimentos. Mas não é possível uma comunicação fácil e precisa sem o uso desses meios. Convém, pois, não abusar deles, como regra, para conseguir buscar a verdade afetiva, mas usá-los com parcimônia e de acordo com a competência ou incompetência do paciente.

Daremos um exemplo em que a atuação ("acting out") do terapeuta no início do tratamento de um caso grave foi necessária para que pudesse haver por parte do doente, esse importante acontecimento psíquico, uma elaboração livre seguida de compromisso pessoal e social.

Chamaremos o paciente de Antonio. É engenheiro, tem 50 anos de idade aproximadamente, casado, com dois filhos. Embora disposto de profissão liberal, limitou-se a um emprego público desde o início de sua carreira, proporcionando a sua família situação material razoável mas insegura, pois é um jogador ousado como ele mesmo se classifica. Vem ao tratamento para empreender uma tentativa que lhe tirasse a obsessão do jogo, pois teria sofrido recentemente perdas graves que abalaram seu patrimônio, a insegurança e a tranquilidade.

dade no lar, além de lhe causar manifesta ansiedade. Tem pai e mãe vivos, uma irmã universitária, extremamente dotada e um irmão mais jovem, médico como o pai, com clínica abundante e bem remunerada. O pai, já aposentado e com mais de 70 anos, homem inteligente e cordato, fez carreira profissional brilhante, no começo, e, no fim, entrou para a política. Aí, projetou-se: fez carreira, exerceu administração pública e atingiu cargos elevados, que só deixou para aposentar-se.

O paciente, filho caçula, tinha veia literária, sendo culto e ativo. Uma das queixas que sua esposa lhe fêz, nos momentos de rusga, era que, em casa, vivia com o nariz enfiado nos livros, e fora, acabava sempre por enfiar o nariz nas cartas e aí ficar até que se esvasiassem os bolsos ou se abalasse o crédito.

Nascido em cidade do interior, aí fez os primeiros estudos e os de ginásio. O pai, dedicado médico local, cuidava dos clientes, dos interesses da população no que se referia à assistência médica e à saúde, cuidava menos da família no que se refere à assistência material: não era muito inclinado a cobrar honorários da clientela. A mãe guiava os negócios da casa, do lar, dos filhos e da família. Não raro, nos momentos de maior precisão de dinheiro, ela enviava a conta dos serviços médicos do marido à clientela devedora e assim restabelecia constantemente o equilíbrio das finanças do lar.

Depois de várias sessões de análise surgiu a notícia de um acontecimento que, na ocasião, não foi importante. O paciente era o caçula entre os irmãos; antes dele houve um outro menino, Alberto, que faleceu com 7 anos, quando o paciente já tinha 4 anos. A mãe ficou inconsolável. Praticamente não aceitou a perda, o que foi mais fácil para o pai, cuja clientela o absorvia, derivando os seus interesses para uma coorte de necessitados, que não lhe deixavam sobra de tempo para pensar em si e na sua perda recente.

Por tudo o que foi visto, a mãe não teve a mesma atitude; não aceitou a perda de Alberto. Mais tarde, no decurso da análise, surgiu o grave engano: O paciente teria sua identidade trocada. Embora chamado Antonio fora, pela mãe, colocado no lugar de Alberto. Mãe e pai o estimavam e ele permaneceu o caçula, confuso com a troca de identidade. Com 16 ou 17 anos transferiu-se para a capital para fazer o curso superior, foi estudante competente, fundou jornal universitário junto com outros colegas e o gosto literário manifestou-se também através de obra política fácil e espontânea. A mãe orgulhava-se do que o filho escrevia, mas um certo pudor por parte do paciente não lhe deixava agrado em saber do seu orgulho e dos seus projetos de publicação. Assim, a publicação das poesias na época e posteriores foi postergada até que a oportunidade esfriou de vez. A mãe ainda conserva recortes de trabalhos seus publicados esparsamente em revistas ou jornais, a que o paciente não dá muita importância. O período na universidade foi sentido como livre e independente e lhe deixou agradáveis recordações.

Casou-se depois de formado com moça de sua terra. Reconhece que um predicao nela o envolveu: era muito bonita. A vida do casal foi instável e o jogo teria sido sempre uma razão bastante forte para mágoas e desentendimentos, de modo a não permitir que ou tras razões de conflito pudessem ser destacadas. Quando o paciente veio para a análise, há mais de seis anos, ainda estava casado e com um casal de filhos crescidos. Trazia dívidas de jogo e incertezas sobre o próprio futuro.

O tratamento não se fêz de uma só vez. Tentado com um analista anteriormente, interrompeu-se por dificuldades várias e entre elas as dificuldades econômicas e ausência de pagamento de honorários.

Recomeçado logo mais por nós, e apesar de preestabelecido, como não podendo interferir, como razões suficientes para nova interrupção, as recentemente apontadas, durou alguns meses e se interrompeu. Mas nessa altura já se havia tornado clara a confusão havida de identidade, isto é, que todo o desenvolvimento do paciente se fez calçado na figura preliminar de Alberto, o irmão falecido aos 7 anos e não na figura de Antonio, o próprio paciente.

Dificuldades com a esposa, que no começo depositava grande esperança no tratamento e, depois tornou-se cética; dificuldades econômicas de pagamento, que se atrasava de maneira intolerável, determinaram nova interrupção do tratamento. Muitos meses depois o paciente nos procurou para continuar o tratamento. Pagou espontaneamente o débito atrasado, marcou hora e recomeçou com as sessões. Por essa época estava já, há mais de um ano, separado da esposa, por acordo amigável. Ela já se ligara a outro homem e o paciente cortejava uma mulher também desquitada, com um filho de 10 anos e, não fora a obsessão dela por esse filho, já a teria desposado. Descrevia-a como inteligente e em tratamento analítico por motivos neuróticos, mas em franco progresso. O paciente viveu então com os pais que, de há muito, se transferiram para a Capital, mas pretendia ter o seu próprio apartamento com seus livros e suas coisas, o que julgava fundamental.

Encontrava-se frequentemente com os filhos e somente quando necessário com a mãe deles. Ainda jogava, mas havia mais consciência do que fazia e menos compulsão. O pagamento, daí por diante, foi feito com a máxima regularidade e em todo o curso de um ano não houve pretexto para que se atrasasse, embora a inclinação pelo jogo houvesse apenas diminuído, mas não terminado. Além disso, seu comportamento nesse particular, também havia mudado.

De fato, sua frequência às casas de jogo anteriormente eram desnecessariamente clandestinas. Frequentava diversas, jogando horas à fio com a preocupação prévia de que os familiares não soubessem onde o encontrar. (*) Agora, já separado da esposa e vivendo com os pais, deixava sempre em casa os endereços onde poderia ser encontrado e não sentia necessidade deliberada de ocultar sua atuação como jogador.

Com a nova mulher, por quem tinha várias afinidades, era evidente o aumento da área de interesse comum. Mas sua frequência ao jogo criava dificuldades, às vezes exagerada ao extremo de ameaçar a ruptura entre ambos. Todavia, ou porque ela também estava em análise ou porque sua própria análise progredia, acabavam encontrando conciliação e tendo renovados os projetos de vida em comum. O ponto central esclarecido residiu uma clara diferenciação entre sua identidade pouco manifesta, manietada, e o papel do jogo, que começou a se revelar como o processo pelo qual estaria livre do alcance da influência da família, geradoras de identificações, que obstruíam o desabrochar da sua verdadeira identidade. Na transferência foi onde mais claramente afluíam os anseios de identidade, quer no pagamento precoce dos honorários, quer na exuberância do mate-

(*) Muitas vezes, para se tranquilizar, mediante a idéia de que poderia tranquilizar a família, saía do clube onde estava jogando para telefonar à mãe de outro lugar e voltava, de imediato para o mesmo clube, de onde com mais facilidade poderia ter telefonado, com o inconveniente de denunciar sua localização.

rial relativo a si próprio. Dominavam, maiormente, os problemas pessoais e as motivações pessoais para explicar os seus insucessos. Seu casamento foi reconhecido como o de Alberto e não o de Antonio e, aos poucos, sua atitude para com os filhos revestiu-se de maior responsabilidade, adquirindo tonalidade específica. Naturalmente, era nas sessões de análise que mais vezes se apurava a distinção entre o comportamento decorrente de uma redescoberta da identidade e aquele até então predominantemente usado e decorrente de identificações. Houve um período em que as dificuldades com a nova companheira eram insuperáveis porque o afeto que a prendia ao filho, fazia-o sentir-se, ele também, comprometido com este, em virtude do comportamento afetivo da mãe com ele. Era quando o paciente declarava que só a parte sexual o prendia, ficando inseguro no restante de suas relações.

Nessa oportunidade, pela primeira vez, nos trouxe, por escrito, reflexões sobre o seu estado e a posição em que se encontrava no desenvolvimento da análise. Era uma espécie de desabafo, mas sem a tonalidade acusatória, frequente nos desabafos. O tom era de queixas, mas sempre buscando nelas o significado das interpretações que lhe vínhamos dando. Embora escrevesse, como num desabafo, o endereço correto era naturalmente o nosso. Citamos alguns trechos que nos parecem mais expressivos. O fenômeno da elaboração é evidente e acompanha, de modo claro, uma melhor identidade, seprando-se de uma permanente confusão, bastante prestante para obstruir elaborações saudáveis.

Março de 1974.

"Para "ganhar" alguma coisa não quero, necessariamente, perder-me. Assim, como pura atitude defensiva, não procuro ganhar nada porque sei que, ligado ao ganho, está inexorável a minha perda. Ganhar, para mim, significa sempre me perder.

Dai, a minha queixa em relação a M.L. que o Sr. me devolveu explicada de uma forma que até agora eu não atingira. Ganhá-la, de repente, passou a significar para mim, de forma clara, indiscutível, eu me perder. O perigo dessa situação, que tem me rondado durante toda a minha vida, configurou-se agora de forma muito nítida. Desde que eu não me prestasse aos designios (vontade) dela, passei a incomodá-la e, em consequência, do meu lado, a sentir-me extremamente desconfortável. Depois de ter passado 8 dias com ela uma vida em comum, durante as 24 horas do dia (atendendo, como o Sr. notou, aos designios dela), duas manifestações minhas de liberdade individual a desesperaram: na vontade ou fantasia, ela tinha me ganho por inteiro; o fato de eu ter ido jogar e ter me recusado a passar a tarde de sábado em companhia dela, a deixaram transtornada.

Em mim, processou-se uma atitude de encolhimento total quanto à nossa relação. Não a acho mais possível, agora que percebo os termos em que ela se baseava ou se caminhava para basear-se. É o velho esquema de expropriação, o velho perigo que tem me rondado a vida inteira, ameaçando a minha liberdade, e ao qual eu estava sendo levado outra vez. Os motivos de sedução eram muitos, e o perigo não estava muito claro para mim, só agora aparecendo de modo incontestado ante meus olhos. Fazendo um retrospecto de minha vida com esta criatura, posso perceber claramente todos os momentos em que o seu desejo de prepotência manifestou-se sem que eu, seduzido por uma série de coisas englobadas no verbo gostar, pudesse ver com clareza.

E a esta altura, lembro-me de um pequeno período de minha vida, logo após a dissolução do meu casamento quando fui morar sozinho num pequeno apartamento. Nessa época eu trabalhava, no meu es-

critório, de 10 a 12 horas por dia; chegava em casa cansado, porém feliz e livre. Foi um dos poucos momentos da minha vida em que eu vivi sem estar "perdido" para alguém, seja mãe, mulher, chefe ou qualquer pessoa ou entidade expropriativos. Vivia num regime de fraternidade, no qual cada um tinha sua atribuição, porém sem ninguém retirar a liberdade básica de ninguém. Nessa minha crise atual, só possível devido à pressão em cima de mim ter-se tornado muito forte, insuportável mesmo, recorro esse pequeno período como um exemplo dos termos em que gostaria e poderia viver.

Assim, o jogo, ou viver em qualquer submundo, onde minha mãe (ou M.L.) não entra, pode significar um pouco de ganho, embora a perda seja quase sempre maior. Isso é melhor do que viver no mundo oficial ou da sociedade em que o ganho para mim não existe.

Vejo o preço da vida oficial muito cara para mim: não posso pagá-lo. É a renúncia à liberdade e à vontade própria. Daí a solução marginal que, com todos os inconvenientes conhecidos, tem sido ainda a mais barata.

M.L. e eu nos ligamos até agora através de identificações tanto dela quanto minhas. Com o surgimento de nossas identidades através da análise, a relação começa a mostrar-se difícil de sustentar-se. A verdadeira natureza dela parece não combinar com a minha; acho-a incapaz de fraternidade, o único clima de vida, possível, para mim, e o preço de tê-la como companheira me é muito caro: terei que prescindir da minha identidade para viver em sua companhia, assim como, no passado, já fiz em relação a outras pessoas e interesses.

Toda criatura que, familiarmente, não consegue assumir sua identidade, torna-se um "perdedor", isto é, é obrigado a viver vestido com identificações, até que, eventualmente, consiga recuperar sua identidade.

E a atitude de perdedor transfere-se para o plano social, com todas as implicações disso resultantes: dessa forma, tanto eu como minha companheira estamos destinados a ser perdedores. O perdedor, portanto, é aquele que perde, antes de mais nada, sua identidade. E a partir disso, tudo a mais".

Alguns dias depois o paciente iniciou a sessão dizendo ter descoberto alguma coisa muito significativa. Descobriu que "tinha medo de ser adulto!" Não foi difícil que revíssemos sua história sob esse prisma e que nela, com frequência, debaixo de atos evidentemente sérios, havia uma constante brincadeira acomodada ou plasmada às situações sérias intervalares.

Na mesma época comprometeu-se com um irmão a empreender um grande trabalho, complexo, dizendo poder aceitar a parte criadora, inventiva exigida, sem se obrigar a detalhes ou a execução de medidas práticas que lhe pareciam monótonas e sem significação embora as julgasse necessárias e indispensáveis.

Tinha recusado várias vezes a associar-se à empresa, porque percebia que para levá-la a bom termo, deveria concordar com muitas soluções ajeitadas e acomodadas apenas por exigência das circunstâncias ou simples conveniência. A interpretação era fácil: aceitava um trabalho equivalente ao psicanalítico nosso, vendo e ligando os fatos de modo a captar-lhes a unidade e o conjunto, deixando por conta do irmão cuidar de detalhes, o que seria como sua vida tinha sido conduzida sem levá-lo a resultado algum significativo ou relevante.

Exporemos agora o que ocorreu um mês depois em uma sessão de 15.04.1975. Começou mais ou menos assim: "O Sr. me injetou

idêias de perda e ganho e frequentemente me defronto com elas mas num sentido positivo. Assim, várias vezes me sinto com uma sensação de liberdade plena. O Sr. me falou, (realmente não me lembro o que lhe falei), há algum tempo, que o sentido de tempo pode ser muito pessoal e já algumas vezes me sinto dono do meu tempo. Sexta-feira passada (hoje é terça-feira) às 18:30 hs. pensei: sou livre e dono do meu tempo e ninguém me diz o que devo ou não fazer. Deu-me na idéia de comprar uma fita para gravador e fui, sentindo-me plenamente livre. Onde o problema não reflete essa liberdade é com M.L.

Recentemente, por duas vezes meu interesse sexual por ela decaiu. Não acho certo a invasão dela nos assuntos do filho e filho também penetrando nos assuntos da mãe.

Essa intromissão reflete a intromissão de minha mãe nos assuntos e não estou animado a casar-me com a M.L. quando vejo que ela não sabe se conter nos seus limites e acabaria me invadindo como minha mãe quis me invadir, levando-me a defender-me por alheamento profissional e literário.

Sinto-me mais lúcido em relação a tudo isso e reconheço que há progresso no meu estado pois de outro lado perdi muito o interesse pelo jogo. Jogo pouco e muitas noites vou para casa ler quando poderia estar jogando. Mas o jogo não me atrai mais.

Interpreta que o jogo agora tem outra significação. É uma perda pessoal e não defesa contra a perda por invasão da mãe na sua vida: não recusou a perda, mas apenas não quer que a perda seja provocada pela mãe. Também o tempo gasto no jogo era um tempo que ilusoriamente era gasto no que era seu, quando o jogo, antes, na verdade, não era só seu. Era seu apenas porque não pareceria mais por fuga da intromissão da mãe.

Reconhece ou vê com lucidez quantas foram suas omissões:

- a) engenheiro, que podendo fazê-lo, não exercia os cargos como profissional liberal, mas como empregado;
- b) literato que escondia timidamente suas produções;
- c) interessado por iniciativas particulares mas sem se comprometer.

Atualmente, diz ele, assumi a direção de uma agência de publicidade, mas precisou se desligar do emprego público. Em outros tempos faria o requerimento e aguardava. Desta vez fez o requerimento e foi levá-lo para obter despacho na hora.

Interpretei que teria sempre agido em tudo como jogador: dava o lance e aguardava o resultado. Não se empenhava em ver re-

velado o 2º tom dos acontecimentos. (O 2º tom aqui é a confirmação da micropsicologia). É interessante que em várias ocasiões em que precisou modificar sua hora, assim foi feito sem dificuldade. Havia pedido agora para ficar 2 horas por semana que seriam adequadas às novas atividades que vinha assumindo e à situação econômica. Fixei essas horas com firmeza. Ele apenas perguntou se em caso de necessidade eu poderia mudar a hora. Interpretei que estava agindo como se jogasse comigo, pois eu poderia, depois de feito "esse lance", não conceder a hora e ele seria perdedor. Perdedor era uma situação universal para si, fatal. Perdeu em criança, perdeu na Faculdade depois do 3º ano, perdeu no casamento, perdeu no aproveitamento das suas próprias aptidões (tentando não perder), temia perder com o novo caso amoroso e agora receiava perder o horário comigo.

Era, em suma, um perdedor que "perdia para não perder".... Sugeriu que o seu caso com M.L. comportaria uma viagem, viagem de M.L. Sumia por um ano para deixar esse intervalo, a fim de que ambos pudessem amadurecer e decidir se casariam ou não.

Interpretei que seria essa sua viagem para mim em quem punha a sua parte ganha. Era até agora não usada e seria encorajado a isso concedendo o mesmo privilégio pois era a primeira vez que formulava um plano bem meditado ao qual associava, no mesmo tempo, outra pessoa. Não era só ele que devia se afastar, mas ela também para deixá-lo livre, para assegurar a separação bilateralmente. O paciente concordou surpreso.

Este caso tanto poderia ilustrar o nosso trabalho sobre Identidade e Identificação apresentado no X Congresso Latino Americano de Psicanálise (Rio de Janeiro - 19 a 25 de julho de 1974 e igualmente à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 06 de junho de 1974), que tínhamos a intenção de publicar, mais tarde, depois de algumas elaborações a que ainda o devíamos submeter. Mas aconteceu surgir, como tema desse IV Congresso Brasileiro de Psicanálise em Porto Alegre, o tema Elaboração. O nosso pensamento o reviu sob o novo prisma e o achamos rico em elaborações que se substanciam em sínteses provisórias, que servem de novo material de elaboração e de estímulo a novas elaborações. E o fenômeno é extremamente curioso porque o paciente, graças ao tratamento analítico, afastando-se, com várias relutâncias, de um sistema de vida parado na mediocridade, entro em elaboração; pode-se então observar como a elaboração é rica e se faz inspirada pela metodologia e filosofia comuns da vida organizada como lhe foi possível. Após ou em consequência das interpretações e de sucessivos "insights" que promovem a elaboração.

analítica, novas elaborações revêm criticamente as elaborações tradicionais como pudemos verificar em sucessivas sessões de datas mais recentes. Ocorre agora a pergunta: alterar-se-ia o tipo de elaboração pelo motivo de serem as suas sessões apenas em duas vezes por semana? É óbvio que parece ser necessário para se aceitar tal alternância a presença viva das sessões nos dias que se realizam. Cada nova sessão pode começar um tanto enfraquecida sob o aspecto da convicção emocional. Mas o paciente coopera, pois, recomeça cada sessão, recordando o ocorrido na sessão anterior, da qual já nem lembrávamos mais. Sabemos que essa contribuição é voluntária, intencional e intelectual, mas não se passam muitos minutos para que nos dê, sem o saber, a oportunidade de captar, no momento, quais as suas emoções. Então a elaboração não prossegue mais utilizando-se do recordado, mas do recém-introduzido, graças a esse trabalho psicológico a dois. Em resumo, tudo se passa numa análise, olhada sob o ponto de vista da elaboração, da seguinte forma. O paciente traz o seu poder próprio de elaborar, mais ativo ou menos ativo. Estimulado pela associação de idéias, alarga suas elaborações e as interpretações adequadas, dadas pelo analista, promovem mais elaborações e a transferência proporciona o ensejo de elaborações até então não suspeitadas e importantíssimas para a multiplicação dos "insights" e agora revestidos de nova e frequente originalidade. O afastamento do paciente por alguns dias concorre para o esfriamento desse clima original (não importa se se passa em ambiente emocional bom ou mau: é preciso que haja novas e adequadas elaborações, pois, um neurótico é um paciente que elabora pobremente e inadequadamente).

Poderíamos destacar no material exposto expressões ou conceitos emitidos pelo paciente que poderiam confirmar o que vínhamos dizendo, mas seria alongar o tema pelo lado técnico, o que não é nosso propósito. O que queríamos destacar é que esse fenômeno humano-mágico, a elaboração, é enormemente susceptível de influência de várias procedências (viagens, leituras, defrontar com problemas desafiantes, ter o orgulho ferido, choque de perda ou ganho, etc..) Mas o principal é a influência do outro. É fácil comprovar. Sem pre alguém está elaborando sob a influência de alguém. No trabalho analítico prático, a influência para estimular as elaborações próprias do paciente e que ele não usava até então, é um fato típico e básico. Bion o diz de outro modo nas suas primeiras conferências em São Paulo (1). Aproximadamente, diz que o paciente procura o analista para que ele, analista, lhe diga o que ele mesmo não sabe ou não pode dizer a ele próprio o que, não somente é evi-

dente através dos sintomas da neurose ou do desequilíbrio psíquico mas também da livre associação. Julgamos, desde o primeiro momento, essa definição da psicanálise muito mais esclarecedora, dinâmica e humana do que a de todo Freudismo que até hoje, repetidamente, diz: analisar é transformar o inconsciente em consciente ou tornar o inconsciente em consciente. Sim, mas como? - Fazendo análise! Não progredimos muito. Na definição de Bion o progresso é provocado porque o mecanicismo tradicional (transformar, tornar, fazer) se substitui por um diálogo, uma comunicação, um intercâmbio no estilo humano e não mecânico. Substituem-se os termos e transformar passa a ser comunicar. O transformar propõe que se seja outro, o comunicar jamais propõe isso, mas mais humanamente propõe que essa poderosa e original aptidão humana de elaborar se ponha em movimento, visando caminhos não percorridos e horizontes não suspeitados, ainda que eles estejam ali mesmo nas próprias áreas da vida do paciente. Dessa forma, uma definição mais compreensível de psicanálise poderia ser: a arte de promover elaborações em quem quer que seja, pertencente a espécie humana, o que não é possível de estimular ao máximo e com finalidade objetiva, de outra maneira.

Que a elaboração resulta de influência externa e interna (esta provocada por identificações, introjeções, sublimações e outros mecanismos de defesa) não há dúvida. Para o analista ortodoxo a influência interna é a mais valorizada. (Veja trabalho: Conflito entre gerações - Macro- e Micropsicologia: apresentado ao IV Congresso Brasileiro de Psicanálise - Abril de 1973 - Rio de Janeiro e à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 06.06.1973)*

Um dos exemplos mais curiosos e evidentes de influência externa é o que ocorreu entre esses dois gênios da Idade Contemporânea que foram Goethe e Schiller (3). Retiramos alguns trechos da introdução da tradução francesa, feita por Gérard de Nerval.

Antes de chegarmos no tópico onde se menciona a aproximação de ambos, vemos em Goethe um gênio elaborativo como foi também Freud um gênio elaborativo, apenas os objetos externos ou internos que mantinham essa elaboração sempre animada, foram outros, gerados pelas qualidades inatas de cada um e pelas contingências da época em que viveram.

Tudo o que se refere à arte, literatura, filosofia, natureza, história, as particularidades da vida humana, tudo era pretexto

(*) Este trabalho vem sendo revisto e reconsiderado - sujeito a novas elaborações para ser publicado em breve.

inconsciente para potencializar a aptidão elaborativa de Goethe. Sua obra completa em alemão alcança 40 vols. in 8º com um suplemento em 15 vols. (Stuttgart). Simbolicamente, para produzir tanto como também Freud produziu muito, é preciso ter a elaboração ferreteada. Se, em Freud, o material clínico dominou para suscitar essa riqueza elaborativa, em Goethe, como em Leonardo da Vinci, tudo ao seu redor punha em marcha esses prodígios de elaborações. Eram gênios, mas escravos do seu gênio ou melhor, eram gênios, mas por isso mesmo ficavam escravos de uma rica, nobre e sublime elaboração. Goethe (1749 - 1832) conheceu Schiller em 1794, com perto de 45 anos. "Começa então para o poeta um dos episódios mais fecundo da sua vida, aquele que foi iluminado por sua amizade com Schiller - (1759 - 1805). Essa amizade durou de 1794 a 1805. Se Goethe tinha 45 anos, Schiller estava com 35 anos. Conviveram 11 anos e Schiller morreu jovem, com 46 anos em Weimar, onde Goethe residia. Antes disso, Goethe tinha antipatias pelas produções de Schiller, que haviam espalhado pela Alemanha "uma torrente de paradoxos sociais e drâmaticos". Mas, em Jena, uma discussão filosófica sobre as transformações das plantas, por acaso, aproxima os dois grandes poetas, e a sua amizade desde então se estreita e exerce a mais profunda influência sobre o gênio de ambos.

Goethe se associa à publicação de Schiller intitulada: "As Horas", ele escreveu suas "Eligias Romanas", seus "Epigramas venezianos", suas mais dramáticas baladas, idílios graciosos. Ele influencia o arrebatamento de Schiller, que compõe suas belas tragédias; o próprio Goethe, cujo ardor se reanima, termina "Guilherme Meister", esse quadro tão curioso da vida humana, marcado de episódios encantadores, inspirados pela sociedade do século XIII; publicou "Hermann e Dorotéia", espécie de idílio épico, como dizem os alemães, onde o pensamento é tão puro, tão elevado, onde as desgraças da guerra são vivamente deploradas, onde excelentes figuras burguesas, cheias de vida, despertam o mais elevado interesse.

Na mesma época (1796) Goethe escreveu com Schiller as "Xenias", críticas mordazes contra os medíocres invejosos e os espíritos retrógrados; "A Família natural", drama em cinco atos, que pretendia pintar a revolução francesa, não é uma de suas melhores produções; não foi inspirada com felicidade. Assim vai até a morte de Schiller, 1805. Esta morte foi um golpe terrível para Goethe; ele dizia ter perdido a metade dele mesmo. Terminou o drama "Demetrius" que seu amigo tinha deixado inacabado e depois mergulhou no estudo que se lhe tornou mais necessário do que nunca. É claro que

procurava no estudo o substituto do amigo morto. Desde então ele começa a não viver mais senão para o espírito e parece cada vez mais estranho aos acontecimentos que então agitavam todos os corações. Não fora essa presença da força elaborativa própria, não teria prosseguido, pensamos nós, nesse mar agitado de curiosidade e interesse que o acompanharam até o fim da vida e além dela, pois ao morrer pediu que abrissem as janelas do quarto, dizendo: "Licht, mehr Licht" (1832).

Destaque da Elaboração

Foi o que viemos tentando fazer por todos os meios possíveis. Procuramos mostrar: (a) sua autonomia; (b) seu papel associativo imperioso através não de semelhanças ou contatos superficiais, mas do interrelacionamento das essências; (c) seu crédito junto às maiores e melhores aptidões humanas quer na vida intrapsíquica, quer nas relações extrapsíquicas; (d) ela aproxima, irmana, anima a vida psíquica e cria ou, pelo menos, obriga a fazer revisões; (e) não morre: pode interromper-se no seu curso, por cansaço, desencanto ou sentimento de perda. Pode ser, mais raramente interrompida por muitos motivos, mas o mais sutil é permitir que alguém alcance uma concepção ou uma elaboração mais completa, graças a "insights" totais e aperfeiçoados. Doce ilusão: a elaboração realmente tem por destino só morrer porque e quando o homem morre.

As consequências lamentáveis do desconhecimento mais completo da elaboração que, pelas suas qualidades, não para, ainda quando chegamos aos pontos mais avançados a que ela nos pode levar, forjando doutrinas, cooperações, teorias, conceitos promovendo ações ou convenções, consideradas de inegável valor ou importância, são permitir que se interrompa. O que se segue é o início do declínio, que leva à decadência.

A Associação Psicanalítica Internacional acabou de distribuir o seu último número do "Newsletter" (Vol.VII, nº 2, março 1975). Na página 31 menciona que no próximo Congresso, o XXIX, da Associação Psicanalítica Internacional, em julho de 1975, haverá uma mesa redonda sobre: "As modificações nas expectativas dos pacientes e dos Psicanalistas hoje".

O desenvolvimento dessa mesa redonda está previsto que se faça em torno de quatro itens:

- 1) Nota-se que os pacientes com "neuroses de sintomas" diminuem a sua frequência nos consultórios psicanalíticos ao passo que aque

les com neurose de caráter, com neurose narcisista ou com estados "bordeline" parece aumentar proporcionalmente.

- 2) Fatores econômicos: as pessoas com doença ou dificuldades psíquicas tendem a recorrer à psicanálise menos frequentemente do que o faziam em anos anteriores.
- 3) A sociologia da prática analítica é um fator de importância capital. Recomenda-se fazer um estudo do tipo de paciente que um analista com reputação estabelecida escolhe, comparado com o tipo de pacientes que prefere encaminhar para outra parte.
- 4) Finalmente, o tópico que mais nos interessa porque se relaciona diretamente ao nosso tema diz ser muito importante para a questão das mudanças nas expectativas do analista, que se considere a classe de teoria psicopatológica que aprova o analista em questão. (O grifo é nosso). Considera que provavelmente este é o ponto mais importante de todos. Onde se crê que se concentra o conflito essencial? É este um conflito de desenvolvimento biológico, constitucional, narcisista, de relação objetal, edípico, pré-edípico, imediatamente post-natal, etc? Que fixações e defesas considera reversíveis? Que classe de trauma considera que não pode ser superada? A importância reside naquilo que já sabemos: a divergência de opiniões afeta inevitavelmente a maneira técnica de encarar o tratamento e por conseguinte, as expectativas sobre os resultados do tratamento. Linhas adiante (página 32) Dr. Otto Kernberg (Nova York) antecipa suas razões sobre o assunto. É de interesse ler o seu pequeno relatório.

Mais adiante, no mesmo capítulo, vem exposto o ponto de vista de Mme. Joye McDougall (Paris). No fim de sua exposição, diz: "O otimismo da análise parece estar ligado estreitamente às novas teorias criativas e com os conceitos inovadores do pensamento analítico. Certamente isso pode dar lugar, mais tarde, a desilusões: movimento dialético que se observou já na época de Freud. Há também analistas que se crêem ameaçados por teorias novas e que, por conseguinte, as repudiam. É possível que esta reação, como ocorre nas seitas religiosas, seja uma função inerente às sociedades psicanalíticas. É este um efeito que devemos deplorar ou um mal inevitável?"

De nossa parte, pensamos que tanto a obsessão pelas antigas teorias como a rejeição sistemática das recém-introduzidas se pode considerar mais como disfunção e não como função, porque isso ocorre quando já não se elabora com o necessário vigor e tudo se estaciona nas teorias ou nas rejeições delas, como últimos abalos de

uma fase de elaboração original que começa a se apagar.

Uma visão de toda a Psicanálise, pela perspectiva da elaboração

Depois de termos tão longamente revolvido o fenômeno psicológico da elaboração e procurado destacar o que ela seja, salientamos também que ela é a alma da vida psicanalítica. Como teria se apresentado, pois, para que surgissem as teorias de Freud, de M. Klein e também de Bion?

Ao nosso ver a elaboração em Freud encontrou uma indistinção quase incompleta entre neurologia e psiquiatria. Seus limites não se demarcam. Nem Charcot, nem Dejerini ou Babinski, que foram os gênios limitadores da neurologia, não se orientavam no mesmo nível para limitar a psiquiatria. A patologia quando entrava, confundia todo o mundo. Freud foi nitidamente um grande obreiro para destacar a psiquiatria ou a patologia da vida psíquica da patologia do sistema neurológico. Seu espírito teve a lucidez de perceber uma confusão reinante em alguns pontos mais específicos, mais próprios da psicologia. Foi o que aconteceu nos contatos com Charcot, com Bernheim, com Levaut e com Breuer. Mas o seu gênio elaborativo, especificamente psicológico, destacou da neurologia, da psiquiatria, da clínica propriamente dita, o encadeamento e a criatividade específica nesse setor e elaborou incansavelmente, como um possuído, criando aquilo que resultou na Psicanálise como ele a viu. Mergulhou no heterogêneo e no geral vigente na época, destacou o que era psicológico e criou uma nova patologia mais específica, mais limitada, e por isso, mais profunda. Ninguém até então conseguiu esse trabalho gigantesco com tamanha originalidade.

M. Klein viu melhor outros aspectos, de maneira apenas entrevistas por Freud: a importância da nossa relação com os objetos. Freud se empolgou pelas funções psíquicas em primeiro lugar. M. Klein pelos objetos aos quais ela se dirigia, atuava, fixava e recolhia para o mundo interior (absorver da macro-psicologia e verificar que o que vem da macropsicologia não perde todos os seus caracteres, mas adquire os micropsicológicos e passa a adquirir o prestígio que a micropsicologia tem na sua essência). Verdadeiramente reconstruiu a psicanálise mas não substituiu o freudismo.

Os discípulos de ambos é que se desmandaram para um ou outro lado com exagero de uma parte e atrofiamento de outra. Entram aí para que a preferência se faça num ou noutro setor, dois fenôme-

nos: (a) o temperamento de cada um que se conduz para onde o seu espírito melhor se adapta; (b) outro, a força das escolas e correntes de pensamento que exerceu esse fenômeno tão sutil a que denominamos, algum tempo atrás, de transplantia. A "transplantia" existe em muitos lugares, mas se observa com frequência e veemência quase irritantes no campo da psicanálise. Consiste em recorrer-se ao já conhecido pela formação psicanalítica que se teve pela sedução ou pressão do grupo, pelo prestígio e novidade de uma nova teoria e tudo isso de maneira aberta ou sutilmente. Esse, "já conhecido", guia o interesse do analista nas interpretações. Há uma evidente preferência de se sentir assegurado em idéias pré-estabelecidas do que mergulhar na profundidade e extensão incertos da vida do paciente. Não se elabora o material do paciente, apenas vestem-se-lhe modelos ou fragmentos de modelos, produtos de elaborações alheias. Desde Hipócrates sabia-se que aprender com a experiência é enganoso, o juízo difícil, o raciocínio falso, a oportunidade fugaz (1º aforismo). As coisas não mudaram muito e se a elaboração livre não for a nossa maior virtude, faremos em grau maior ou menor a "transplantia".

Surge, mais tarde, motivado por seu próprio tipo elaborativo, o talento de Bion e as duas maneiras de inspiração: a Freudiana e a Kleiniana, ali se irmanam não setorialmente, mas numa aliança original, originalidade muito pessoal que é a que decorre do seu tipo pessoal de elaboração. Sua posição reflete assim uma espécie de diálogo entre as funções psíquicas e os objetos. Os culturalistas elaboram de maneira diversa. Escutam mais o que vem de fora e que alterações essa voz externa interfere na vida interior para melhor adequá-la ao que lá existe. Diante disso tudo, o que nós vemos como mais desprentencioso? Ninguém foi voluntariamente prentencioso, apenas fomos levados, arrastados pelos tipos específicos de elaboração. O que seria, portanto, mais aparentemente, desprentencioso. A atitude tecnicamente recomendável é a posição ingênua clínica. É o analista colado no paciente sem se deixar modificar na sua essência, mas permitindo modificações externas cooperadoras para o desenvolvimento do processo interno. O nosso contato pessoal com H. Rosenfeld deu-nos essa impressão.

Não podemos deixar de reconhecer ter encontrado em todos os quatro aquilo que Camões, com palavras vigorosas, quando no remate dos Luzíadas, dirigindo-se ao rei de Portugal, diz:

"A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando."

"Mas eu que falo, humilde, baixo e rude
De vós não conhecido nem sonhado,
Da boca do pequeno sei, contudo,
Que o louvor sai, às vezes, acabado.
Não me falta na vida honesto estudo
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Coisas que juntas se acham raramente." (4)

Calorosos exemplos de elaborações em política, no relacionamento social e pessoal ou das relações interpessoais, isto é, entre sujeito e objeto, encontram-se nos grandes homens criadores ou realizadores. Sem a elaboração pessoal e original não iriam tão longe. Não se quer muito de um analista quando ele tem o dom de elaborar no campo da psicologia. Ele fará quase só ou com moderadas orientações, tudo o que o culto, o ilustrado e o informado poderiam fazer.

Nietzsche, num dos seus arroubos, proferiu que é preferível ser um tolo por conta própria do que um sábio com opiniões alheias (Lieber ein Narr sein auf eigene Faust, als ein Weiser nach fremdem Gutdenken).

Camões, acima citado, nos dá um exemplo magnífico não só de poesia, mas de Elaboração:

"..... aprende-se vendo, lutando, tratando e pelejando". É ele que se diz, ao fazer apelo ao Rei, tão distante do seu nível: "baixo", "pequeno", "humilde", "rude" (não traquejado nos requintes da corte), desconhecido ao máximo. Mas se reconhece como formado na escola do estudo, da experiência e do engenho (ao nosso ver, escola da elaboração)-como se pode ver pela própria leitura do poema ofertado - e, finalmente, deixa prever que raramente tudo isso poderá ser encontrado junto em qualquer pessoa.

Como seria o analista que gostaríamos de ser? Um indivíduo estudado e estudioso, com longa experiência junto ao engenho psicológico para unir tudo isso em elaborações colhidas nos momentos em que nos sentimos colados ao paciente, para o compreender e fazê-lo compreender-se. Jamais um repetidor de modelos.

O problema das causas

Depois de tudo isso podemos rever o problema da causa original ou traumática, tão cara nos primeiros tempos do Freudismo.

No Congresso Internacional de Psicanálise de 1975, já citado, está prevista uma segunda Mesa Redonda sobre: "As consequências de recentes avanços nos conhecimentos do desenvolvimento das crianças para o tratamento dos adultos". Vários analistas de renome voltam ao tema já proposto por Freud que é o seguinte: A neurose do adulto tem sua origem em uma neurose havida na infância. É como se a atual encontrasse suas raízes na infância. Essa tese ainda merece preferência, mas não se põe tanta confiança nela. Se dominar o pensamento mecanicista tradicional, com todas modificações que possa ter sofrido, a necessidade de causas de origem surgem mais como uma necessidade do espírito e do pensamento científico. Todavia, se recorrermos à Elaboração, dispensa-se essa corrida sem fim que consiste na busca da causa das causas. Se se elabora, se se deixa o pensamento pensar (Bion), o campo de investigação sai do historicismo para convergir no sentido intrapsíquico e, dessa forma, encontrar razões internas que inclusive dão colorido às razões, menos importantes, externas. Veja-se que não falamos em causas internas, pré-estabelecidas, mas razões formadas. Bion (2) expõe como alterações involuntárias na vida psíquica são um assunto bem estabelecido pela própria psicanálise, e essas razões agem como novos estímulos ou motivações, sendo responsáveis pela atividade psíquica, espontânea ou provocada. É dessa forma que vimos procurando descrever, em resumo, o que é elaboração. O que pensamos ou fazemos não está isento dos nossos sentimentos. O pensar e o fazer são partes da macropsicologia. Bion, quando engloba memória, conhecimento e desejo, fala de aptidões psíquicas que se desenvolveram no contato constante e envolvente do mundo externo, dos objetos externos, portanto da parte psíquica a que denominamos macropsicologia. O interesse psicanalítico só parcialmente se encontra nesse setor. Seu campo é outro: é o do sentir, comover-se, amar, odiar. É este o campo da micropsicologia, e aí torna-se irracional procurar causas. O que encontramos são motivações criadas e mutáveis.

Esse autor diz aproximadamente isso quando escreve: "Memory is born of, and only sented to sensuous experience". (A memória origina-se da experiência sensorial e somente a ela se segue).

A psicanálise, continua, refere-se a uma experiência que não procede dos sentidos, quando registramos o que se tornou uma

percepção através do sensível, trata-se somente de registros psicanaliticamente sem significado (irrelevant).

É nesse campo, por nós proposto o nome de micropsicologia, que o fenômeno causa não tem importância. Sua importância está no mundo e na vida dos sentidos. Na vida dos sentimentos (micropsicologia) domina a dinâmica da elaboração, que não é fixa, mas móvel, variável e instável e viva por sua particular natureza.

Agora, uma pergunta final. Por que a teoria de Freud, dando suma importância ao traumatismo sexual, à libido como ele a entendia, ao conceito de defesa e, para não ir mais longe, ao seu conceito de elaboração, não completamente elucidado, mas definido em evidente concepção mecanicista como expusemos em páginas anteriores (capítulo: "sobre a elaboração"), tudo isso formaram uma estrutura ou uma verdadeira teoria com tantas falhas, mas com tanta fecundidade para proporcionar o entendimento, a divulgação e o progresso da psicanálise. Poderia parecer que somente quem trilha o caminho da verdade e sempre a tem no horizonte, ainda que tarde e tortuosamente chegará mais perto dela. Não é preciso agarrar-se aos donos da verdade para alcançá-la. As hipóteses de trabalho e as teorias são sempre assim. Estimulam, revelam novos resultados, confirmações, mas omissões também e vão se mudando de sentido e se complicando. Os fatos, mais poderosos que os desejos encarregar-se-ão de lhe dar mais clareza e consistência.

Faz pouco tempo, conversávamos com alguns amigos, e mencionamos algumas pessoas, nossas amigas já falecidas, que considerávamos interessantes. Alguém no grupo, possivelmente mais vaidoso e competitivo, perguntou-nos o que é uma pessoa interessante. Um tanto irritado, pelo vazio da pergunta, limitamo-nos a responder: "É uma pessoa diferente". - "Mas não vejo diferença entre as pessoas". A irritação não nos deixou prosseguir, pois nesse momento percebíamos que as pessoas mencionadas por nós e conhecidas também do interlocutor estavam, na verdade, sendo objeto de nossa admiração, quando recordávamos, em silêncio, as peripécias de sua vida, árdua e ardente, coisa que não podia ser devidamente ponderada pelo ciúmes de nosso interlocutor. No dia seguinte, a pergunta retornou num momento de tranquilidade, num momento sereno de imparcialidade: "O que é uma pessoa interessante?" Havia várias respostas, mas a que nos pareceu mais completa é a de que "uma pessoa interessante" tem o dom de fazer um número de ligações psíquicas bem acima do comum e se a isso se acrescentar uma certa originalidade e sendo bem adequadas as ligações, o interesse despertado potencializa-se.

Tal tentativa de definição é oportuna ao nosso tema, pois se a palavra elaborar, significa: arranjar, arrumar, preparar, uma pessoa interessante é aquela que, por natureza, já está preparada para o maior número de ligações possíveis espontaneamente, adequadamente, originalmente.

Este dom natural deve ser prezado. Quando "uma pessoa interessante" envolve o seu interesse numa disciplina como é a psicanálise, pode fazer os seus dons associativos potencializarem pelos fatos da observação e da experiência. Se se fixar em autores ou teorias, não há mais verdadeira elaboração, mas dependência que é mais para lamentar do que para elogiar. Em caso contrário, se as associações provocadas pela análise não apagam a espontaneidade e a originalidade do interessado é de se supor que seu componente psíquico se enriqueça e melhor se revele a sua originalidade.

Perguntamo-nos se os melhores candidatos à psicanálise não seriam aqueles já "elaborados" por natureza própria. Dessa forma, não seria fora de propósito imaginar uma espécie de teste psicológico, que consiste na verificação da qualidade e quantidade de associações ou ligações de que sejam capazes, diante de uma bateria de questões, controláveis por meio de computador. Não é necessário acrescentar que a riqueza das associações liga-se imediatamente à riqueza dos "insights". Em suma, o que é a psicanálise se não o resultado de associações felizes e de "insights" que as reúnem ou estruturam em idéias sintéticas? As teorias psicanalíticas que nos guiam e que, por determinados períodos nos empolgam, nada mais são do que o resultado de tudo isso. Não são completas e, por isso, se substituem. Talvez jamais venham a ser completas porque percebemos que a multiplicidade de associações e sínteses já feitas pelas precedentes, somadas às que se fizerem, tornar-se-iam incontroláveis.

R E S U M O

O tema elaboração psicanalítica, analisado nos seus detalhes, é fundamental para que exista a psicanálise. É a elaboração uma atividade psíquica que deve ser destacada das outras faculdades psíquicas tão legitimamente como a atenção, a associação de idéias, a memória, o raciocínio, o juízo, o julgamento são descritos separadamente e funcionam em conjunto. De modo geral, o pouco que encontramos sobre elaboração, quer no terreno da psicanálise, quer em todos os setores da psicologia, causou-nos surpresa, pois seu papel é fundamental sempre, mas mais ainda quando é entregue à curso da sua atividade psíquica como o máximo de liberdade possível. A elaboração é a grande via pela qual se realiza a verdadeira liberdade do espírito. A memória, a atenção e as outras faculdades mentais favorecem e são favorecidos pela elaboração. Têm uma recíproca influência.

Mas não está livre de influências estranhas, legítimas ou ilegítimas, boas ou más. Toda a psicanálise se processa através de elaborações, que se sintetizam em visões interiores e sugerem novas elaborações. Por esta aptidão, tão viva como a própria vida, há continuidade psíquica, sem monotonia com originalidade e renovação. A elaboração é mais fecundante do que todas as outras aptidões psíquicas, embora esse fato não tenha sido destacado devidamente na psicologia clássica - e na psicanálise figura e se destaca em definições evidentemente mecanicistas, que estão muito aquém da fecundidade, possibilidade e riqueza da vida psíquica.

Elaborar é coisa diversa de imaginação, criação e intuição; na primeira a continuidade parece estar sempre associada, nas outras as expressões próprias se manifestam preferivelmente em surtos.

O significado da elaboração é bastante alto para que nem sempre se possa saber até onde houve progresso psíquico verdadeiro ou pura consequência de uma elaboração sadia. Há elaborações efetivas, que são aquelas que se processam sempre à partir do primado dos fatos clínicos observados e as supletivas que se processam a partir de postulados ou dados considerados como seguros em virtude do seu uso assíduo, da influência das escolas ou das preferências pessoais ou de for

mação profissional. É inevitável tal influência e a ninguém mais do que aos analistas cabe preservar suas idéias originais e o seu trabalho de influências motivados por escolas, modas ou influências.

Toda a análise de um mesmo paciente é mais o produto de elaborações feitas por analistas e analisados sob influências várias. Cabe ao analista precaver-se contra esse risco e favorecer a aptidão elaborativa do paciente, o que pode levá-lo a conclusões imprevisíveis, pois é mais importante numa análise, quer pessoal, quer terapêutica, aguçar a aptidão elaborativa do que sugerir elaborações de acordo com objetivos que se tenham em mira.

S U M M A R Y

The topic of psychoanalytic working through, analyzed in its details, is fundamental for psychoanalysis to exist. Working through is a psychic activity to be as clearly distinguished from other psychical faculties as attention, association of ideas, memory, rationality, reason and judgement are described separately and functioning as a complex whole. Generally, the little we find about working through, as well in the range of psychoanalysis as in all the fields of psychology, caused us surprise, as its role is always fundamental, even more so when taken in the course of its psychic activity as the highest possible expression of liberty. Working through is the great way by which real spiritual liberty is performed. Memory, attention and the other mental faculties favour elaboration and are favoured by it. There is a reciprocal influence existing between them.

But it is not free of heterogeneous influences, be they legitimate or illegitimate, good or bad ones. The whole of psychoanalysis is performed by means of elaborations,

which synthetize in form of internal visions, suggesting new elaborations. It is for this aptitude, as much alive as life itself, that psychic continuity exists, without monotony, but with originality and renovation. Elaboration is more fecundating than all the other psychical aptitudes, though this fact hasn't been emphasized properly in classical psychology and in psychoanalysis it is figuring and outstanding in definitions of obvious mechanicism, which are far below the fecundity, possibility and profusion of psychic life.

To elaborate is something different from imagination, criation and intuition; in the first case the continuity seems to be always associated, in the other ones the proper expressions are revealing themselves in form of outbreaks, rather.

The signification of working through is sufficiently elevated for not always permitting to know, until to what point real psychical progress has ocured, or pure consequence of sound working through. There exist effective elaborations, always proceeding from the primacy of the clinical facts observed - and suppletive-ones, proceeding from the postulates or datas considered as reliable in view of their assiduous use, of the influence of methods of teaching, or the personal preferences or professional upbringing. Such influence is unavoidable and nobody more than the analysts are entitled to preserve their original ideas and their task of actuations motivated by schools, fashions or influences.

The whole analysis of one patient is more the product of elaborations made by analysts and analysands under various influences. It devolves upon the analyst, to be beware of this risk and to favour the elaborative aptness of the patient, by which means he may be taken to unexpected conclusions, as it is more important in the course of an analysis, wether personal or therapeutical, to sharpen the elaborative ability than to suggest elaborations according to objectives aimed at, so far.

B I B L I O G R A F I A

- 1) BION (W.R.) - Bion's Brazilian Lectures, 1, 1973, 1, Imago Ed., Brasil, 1974, pag. 28
- 2) BION (W.R.) - "The second Thoughts" - W. Heinemann Medical Books Ltd, London, 1967
- 3) BUENO (S) - "Grande Dicionário Etimológico e Prosódico da Língua Portuguesa" Ed. Saraiva, SP - 1964
- 4) CAMÕES (L) - "Os Luzíadas" - Livraria Simões Lopes - Domingos Barreira - Ed. Cantos CLXXXe CLIV - pág. 227
- 5) GOETHE (W) - "Faust et le Second Faust" - Suivis d'un choix de poesies allemandes - Traduit par Gérard de Nerval Garnier Frères - Paris
- 6) GREENACRE (P) - Estudios Psicoanalíticos sobre la Actividad Creadora - Ed. Pax-México S.A., 1960, pág. 27 e 28
- 7) IBOR (J.L.) - "Lo vivo y lo muerto del Psicoanálisis", Luis Miracle, Ed. Barcelona 1936 - pág. 16
- 8) LAPLANCHE (J) E PONTALIS (J.B.) - Diccionario de Psicoanálisis. Ed. Labor S.A., Barcelona, 1971
- 9) MANIS (M) - "Processos Cognitivos" - Herder - Ed. São Paulo 1973, pag. 197
- 10) MATTINGLY (G) - "Il Rinascimento" - Horizon Magazini - (vários autores) - Faltrinelli - Ed. Milano, 1961, pg. 93
- 11) PASCAL (B. de) - "Pensamentos" - Difusão Européia do Livro - SP 1957
- 12) PEARS (D) - "As idéias de Wittgenstein" - Ed. Cultrix, Ed. Univ. de SP, 1971
- 13) RANGEL (L) - Numa perspectiva psicanalítica ao conduzir ao síndrome de Conciliação e Integridade - Rev. Bras.de Psicanálise, vol. VIII, nº 3, 1974, pág. 367
- 14) RYCROFT (C) - Dicionário Crítico de Psicanálise - Imago Ed., Rio de Janeiro S.A.
- 15) YAHN (M) - "Identidade e Identificação" - Apresentado à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 06.06.1974 e ao X Congresso Latino Americano de Psicanálise (Rio de Janeiro 19-25 de julho de 74)
- 16) YAHN (M) - "Pode-se metodizar uma psicoterapia eficiente a partir dos aspectos externos das neuroses? - Revista Brasileira de Psicanálise - Vol. IV, nº 4, 1970, pág. 602.